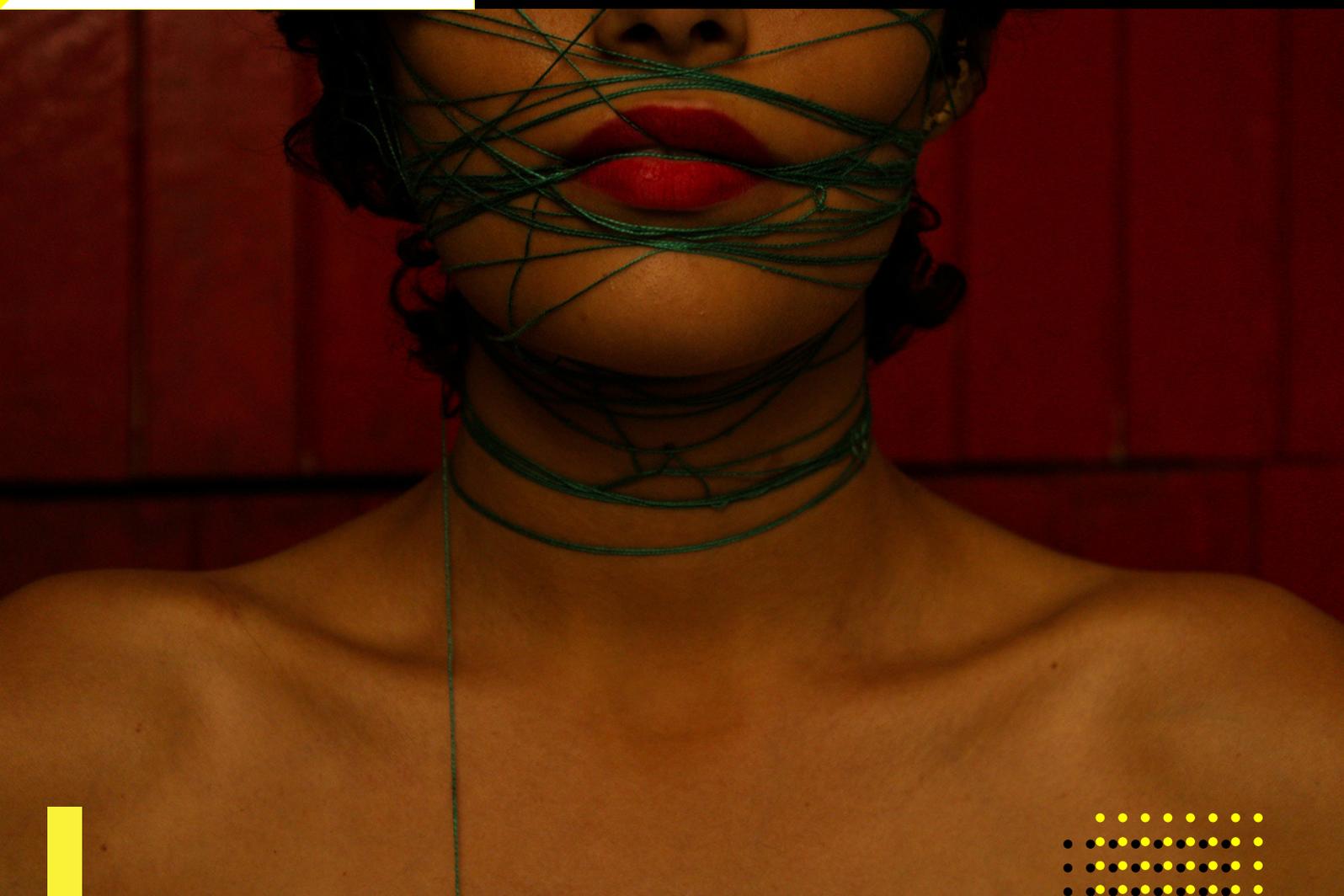


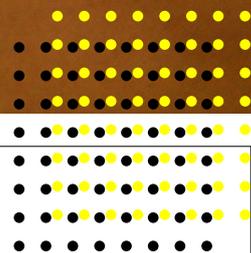
P

Revista

Periferia
em Pauta



Arte
em tempo
de Pandemia



Periferia em Pauta

As narrativas são criações e criadoras das cidades. Na era da informação, é a partir do que se vê, ouve e lê que são formadas as imagens, memórias, paisagens e histórias de um local. Assim sendo, o jornalismo e a publicidade, dois grandes produtores das narrativas contemporâneas, aparecem como importantes agentes na construção de uma capital.

Diante disso, o projeto Periferia em Pauta surge como uma alternativa às narrativas da mídia tradicional sobre as zonas periféricas de Fortaleza. Trabalho conjunto da União do Povo de Santa Edwiges e da Biblioteca Livro Livre Curió, com o apoio da Doritos® Rainbow, o projeto é uma agência de comunicação para produzir materiais jornalísticos e publicitários no bairro Curió sobre a própria região e as demais periferias da Cidade.

Realização:



UNIÃO DO POVO
DE SANTA EDWIGES

Apoio:



Opinião

Periferia LGBTQIA+ é pauta

Hoje, as coisas mudaram, ou melhor, hoje, nós mudamos as coisas

Pessoas em estado de vulnerabilidade são alvos do humor machista e elitista. Disfarçado de engraçado quem pratica esse tipo de “piada” tenta colocar certos grupos minoritários nos seus “devidos lugares”, criando e reforçando estereótipos. Desse tipinho de “humor” foi que escutei pela primeira vez o termo “viadinho de bairro”, para caracterizar o adolescente gay, pobre, que por não ter condições financeiras, tem seu universo reduzido a um espaço geográfico limitado. É aquele garoto que quando passa na rua escuta o “pei, pei” e quando vira para ver de quem parte o gracejo recebe como complemento o tenebroso “matei um gay”. Chocante? Vi e convivi a minha vida toda com isso, ainda acontece.

Não é possível separar lgbtfobia de questões como o racismo e classismo. No começo dos anos 2000, surgiu o termo pejorativo “poc”, usado até por pessoas não héteras, para ofender jovens gays pobres, maioria negros, o mesmo acontece com o termo “caminhoneira”, esse mais antigo e aplicado para as mulheres lésbicas, alcunhas que escondiam o preconceito entranhado do “além de ser viado é pobre”, “sapatão favelada, deve ser gangueira”, preconceitos que nós, periféricas e periféricos, sentimos em nossas próprias peles.

Ser LGBTQIA+ é entender que estamos dentro de um espaço, mas durante muito tempo tivemos de fugir. Eu mesmo, por muito tempo, só pude ser eu longe do meu bairro, na Praça da Gentilândia, no Cafofo do Barão, na Patuscada, no Espigão, na Divani, no Noise 3D, na Praça Portugal, na Kabumba, no Joca. Hoje, as coisas mudaram, ou melhor, hoje, nós mudamos as coisas, e podemos habitar nossas comunidades e fazer delas e nelas outros pontos de encontros, de expressão da nossa cultura e de nossos corpos, de nossos pensamentos e de nossas artes.

Os termos “Poc” e “Caminhoneira”, que usavam para nos ofender, foram subvertidos e os usamos com todo orgulho de quem diz “sim, sou sapatão de favela sim”, “sou viadinho de bairro sim”, “sou periférica e você vai parar de fingir que tudo que você consome aí, nos centros dos seus privilégios, não sai daqui, do nosso chão, a gente que inventa, como inventamos o vogue, o hip hop, as danças urbanas, a literatura marginal. A moda e as artes nos devem muito”.

Esta revista é um convite a você, da periferia, que não vive muito os rolê do seu bairro ou dos bairros vizinhos, para habitar nossos próprios territórios. Toda presença é política, e marcar nossa presença e nossa existência é o primeiro passo para mudar todo o resto.

Autor: Talles Azigon

Narah Adjane



Arte e Cidade possuem uma relação quase umbilical. Isso porque é nesse grande encontro de pessoas, na cidade, que surgem embates e questões que tocam o sensível dos artistas e a partir daí surgem as obras. A arte urbana tem uma função fundamental no meio disso tudo. Um muro, que antes era só uma fronteira entre o público e o privado, ganha cores, linhas e formas, e agora grita uma mensagem, você querendo ver ou não. No entanto, é preciso levar em conta uma outra característica dessa expressão artística: o urbano na arte. Cada pessoa tem uma experiência particular de cidade, mas em tempos em que a rua vem sendo cada vez menos um espaço de encontro (movimento que já acontecia antes da pandemia de Covid-19), a arte urbana convida para o convívio no espaço público.

Essa entrevista que você vai ler, com a educadora social Narah Adjane, de 22 anos, foi feita antes da pandemia de Covid-19, mas a equipe do Periferia em Pauta decidiu publicar mesmo assim. Isso porque é uma conversa sobre a Cidade e a Arte, sobre o território, sobre a experiência de uma mulher no fazer arte em Fortaleza. A nossa expectativa, aqui, é que você leia essa matéria e se anime para, quando for possível voltar às ruas normalmente, olhar com mais atenção e carinho para os muros desta Capital.

P. Narah, me fala um pouco sobre os projetos “Ruela” e “Deusas dos Muros”.

R. O projeto “Ruela” surgiu da necessidade de estar mais ativa no espaço em que eu morava, no Conjunto Ceará, com relação à arte urbana, arte pública. Eu produzia muito para o eixo: Benfica, Praia de Iracema e Centro,

que é onde tem mais circulação de produção de arte urbana e mais aceitação. Eu nunca tinha feito nada no meu bairro. Então, comecei a fazer oficinas que culminavam nesses percursos interventivos e aí o pessoal ia para a minha casa e faziam as produções de stencil e lambe-lambe. No final, subíamos algumas avenidas e íamos andando e produzindo, aplicando e conversando com as pessoas. A partir daí, a gente criou um perfil, que era esse de oficina seguido de intervenção no esquema de deriva, de andar e ir colocando aonde achava mais bacana.

A partir da quinta oficina, criei esse nome para poder ficar mais organizado e fechei a metodologia, e dei oficinas todas gratuitas, em praças e outras avenidas dentro do Conjunto Ceará, isso tudo aconteceu na primeira metade de 2018. Na segunda metade, eu comecei as intervenções de grafite, intervenções maiores. Daí chamei alguns amigos e conhecidos e a gente começou a produzir em alguns muros do bairro, com a intenção de fazer produções maiores e também interagir com a comunidade. Houveram muitas conversas, trocas, conhecemos muitos artistas, enfim, foi muito bacana, isso tudo em 2018. Também demos algumas oficinas em alguns projetos sociais, tudo gratuito.

E aí, em 2019, eu acabei dando uma pausa para poder escrever sobre esse processo todo que aconteceu em 2018. No final do ano, aconteceu o “Deusas dos Muros”. Como eu comecei a ter esse contato com a cena do grafite, eu entrei também na cena feminina do grafite e vi que existia uma demanda de valorização, de protagonismo das grafiteiras daqui da cidade. Baseado em um ano de experiência e conhecendo muitas pessoas, conhecendo a cena e já participando, em pouco tempo eu me tornei referência, o que é massa, mas também é estranho, pela falta de referências femininas. A partir daí eu fiz um projeto e coloquei para a Virada Sustentável, ele foi contemplado e, dessa forma, financiaram o primeiro evento de grafite feminino do estado do Ceará, que foi o Deusas dos Muros. Ele aconteceu com o apoio do Centro Cultural Bom Jardim no território do Bom Jardim, com mais de 25 mulheres pintando. Foi um momento bem marcante que aconteceu em novembro de 2019. Dentro desse processo do Deusas dos Muros, surgiu também uma

oficina que eu dei nesse mesmo período no Centro Cultural falando sobre grafite feminino e empoderamento feminino para um colégio do território.

Hoje, o projeto Ruelas somos eu e um parceiro, o Cassius, que é grafiteiro há 17 anos no Bom Jardim. A gente se conheceu e ele acabou entrando nesse processo, que agregou muito, ele é um articulador de uma outra área que eu ainda não articulava tanto e hoje nós dois fazemos essas produções, tanto de grafite como arte educação e mutirões.

P. Quais são as principais pautas levantadas nas produções de vocês?

R. Durante todas as atividades, dificilmente nós colocamos temáticas, porque a ideia é que haja uma experimentação livre. Nós fazemos uma mediação das técnicas da proposta, mas a ideia do projeto Ruela é mais de uma articulação do que de uma pauta específica. Contudo, essa pauta acaba se tornando a periferia, de ativar os espaços periféricos, de trazer intervenções para que as pessoas, os moradores e a comunidade tenham essa leitura também, leitura das ruas, desse espaço urbano como uma forma de ativação de territorialidade. Muita gente conheceu o Conjunto Ceará e o Grande Bom Jardim por conta desse projeto. É uma forma de valorizar o espaço, de valorizar a existência desse local. É mais ou menos esse processo de territorialidade, periférica e valorização do espaço urbano de trazer à luz formas de ver o espaço onde você mora e a valorização desse espaço a partir de novas possibilidades de ativação urbana.

P. Sabemos que o meio artístico (arte urbana, nesse caso) pode ser muito machista e lgbtfóbico. Na sua visão, hoje existe uma maior abertura para as mulheres e pessoas lgbt+? Como é subverter esses meios?

R. Muitos dos meus processos acabam passando por questões machistas, primeiro porque o espaço público é negado à mulher de várias formas, é um espaço violento não apropriado para mulheres, principalmente sozinhas. Já recebi vários gritos na rua. Teve um fato até bem específico e expressivo, que fez parte de uma das oficinas: fiz uma ofici-



na no Conjunto Ceará e tinha um outro evento no Benfica, No fim das contas, eu e outra amiga decidimos aplicar no Benfica. O que não teve nenhum problema no Conj. Ceará, lá no Benfica teve, nós fomos à noite e estávamos produzindo, muita gente agradecendo por estarmos ali melhorando os espaços (o pessoal da universidade) e do nada veio um grito grosso e expressivo, muito raivoso, chamando a gente de vários nomes ofensivos, dizendo que devíamos estar trabalhando, em casa, estudando... Ficou gritando um bom tempo. A minha amiga ficou bem receosa, e com toda razão, mais aí nos organizamos para qualquer coisa que acontecesse já saíssemos de lá e esperamos essa voz passar, olhávamos para os lados e não sabíamos de onde era, provavelmente de alguma pessoa de dentro de um carro. Esse momento foi muito específico, pois eram duas mulheres na rua produzindo e estávamos incomodando, porque “ali não era espaço para a gente estar”, segundo essa pessoa e várias outras. Em relação à comunidade LGBT+, é um espaço também muito hostil e, durante os processos, várias pessoas tiveram, desde crianças até idosos, que participaram das oficinas. Com relação a isso, não houve nenhum caso que fosse agravante ou que tivesse me impedido ou impedido alguém que também fiz-

se parte das siglas de estar na rua, apesar de ser um espaço hostil, como sabemos. Mas nada comparado às falas machistas. Entretanto, sempre seguimos atentas a cada momento para que o nosso trabalhoseja o mais seguro possível e que não seja mal interpretado pelas pessoas.

P. Você poderia indicar pessoas ou grupos que trabalham com arte urbana, a fim de criar uma rede de apoio?

R. O Ponto Coletivo, uma galera do IFCE que tem feito trabalhos bem legais de arte urbana; Narrativas Possíveis, que trabalhava com registro de arte urbana e que também trabalha agora com intervenções; o pessoal do Coletivo Diaba4, que eu também faço parte e trabalha com intervenções de arte urbana e outras vertentes; o Cumbucor, que é uma galera acessível que faz um trabalho no Cumbuco. Tem as crews de grafite (a que eu faço parte é a CDB – Cores Destruindo Barreiras) que é um grupo muito massa, com pessoas realmente bem experientes (eu sou uma das mais novas lá). Além do Mais que Rosa, que é encabeçado pela Quel Santos, não é um coletivo, mas tem muitas apoiadoras, então ela também é uma articuladora muito forte e muito massa.

P. Em São Paulo - SP, existe o “Beco do Batman”, muito conhecido pelos grafites. Existe algum lugar aqui em Fortaleza, na região metropolitana ou no Ceará que seja “equivalente” ?

R. Aqui em Fortaleza tem a Beira Mar, que possui muitos grafites e painéis e o Centro, onde tem muitas intervenções urbanas, muitos murais de empena (que são nos prédios). Acho que são os espaços que mais têm grafites, sempre que você entra numa rua é visível. No Cumbuco, tem a vila de pescadores do Cumbucor, que receberam muitas intervenções. Acredito que são esses espaços, nenhum tão específico como o Beco do Batman, por exemplo, acho que o mais próximo é a Praia de Iracema.

P. Mas que seja periférico? Ainda não existe um espaço que agrega tantas intervenções?

R. Periférico não, ainda não existe um espaço que seja reconhecido dessa forma. Acho que o Grande Bom Jardim tem muitas intervenções em grafite, talvez um dos bairros que mais tenha, mas realmente ainda são espaços poucos explorados nesse sentido. Apesar de ter uma galera da periferia fazendo várias ações há muito tempo, mas nenhum

reconhecido como esses espaços que eu falei agora, como um espaço de visitação, de apreciação, que é conhecido na cidade. Isso é um outro tipo de classificação, porque o grafite periférico tem um quê de resistência, de protesto, um quê de socialização comunitária então não tem a ver necessariamente com algo a ser visitado nesse sentido. Realmente é um problema que precisa ser encarado e revertido, é por isso que existem essas e outras iniciativas. Eu acredito que as crews de grafite é que fazem esse trabalho periférico, fora o meu projeto, eu acho que o que é mais relevante atualmente para poder transformar essa realidade são as crews de grafite.

P. Para finalizar, como os leitores podem encontrar o trabalho de vocês e como fazer para participar, desenvolver parcerias?

R. Nas redes sociais. Facebook Projeto Rue-la; no instagram @projektoruela e no e-mail projetoruella@gmail.com. É pelo instagram que fazemos a comunicação, inclusive parcerias, ou então pelo e-mail.

Transbordar pela boca

Em entrevista para a Revista Periferia em Pauta, a multiartista Nathália Fiúza fala sobre arte, pandemia e territorialidade

A história de Nathália Fiúza é uma história de movimento. A multiartista e estudante de 19 anos, moradora do Curió, parece estar num movimento constante, até quando o mundo inteiro precisa parar por conta de uma pandemia.

É dentro desse contexto que, junto comigo, Vitória Helen (arth3mis), Nathália lançou o Projeto Bocas, contemplado nos editais, I Cultura Dendicasa: Arte de Casa para o Mundo (Secult) e Arte como Respiro - Múltiplos Editais de Emergência/Artes Cênicas (Itaú Cultural). A trilogia de vídeos, produzida ainda no início da quarentena, é, nas palavras dela, um transbordar pela boca, sobre a potência que explode entre os lábios.

Nessa entrevista para a Revista Periferia em Pauta, Nathália fala não só sobre a sua obra, mas também sobre o contexto artístico geral, sobre pandemia, sobre territorialidade e sobre resistir.

P. Nathália, quais as áreas em geral que você gosta de atuar?

R. Atuo no teatro, não só como atriz, mas também como performer, diretora às vezes, produtora, tudo que aparecer estou fazendo. Sou musicista, passei por formações na música e na dança, é meio que de tudo um pouco, multiartista.

P. Por que “Bocas”?

R. O Bocas foi pensado para ser outra coisa completamente diferente, o nome dele seria “Tudo que cabe na boca”, porém, depois de explicar e refletir junto a outras pessoas, percebemos que corria o risco dela ser hiperssexualizada por causa do título. Por isso houve essa reformulação, mas ainda continuou com essa temática, se utilizando da boca como visualidade. O Bocas vem de um transbordamento pela boca, porque várias coisas que acontecem no corpo a gente transborda em palavra, sussurro, em grito. Veio de fazer uso de um símbolo tão pequeno, porém tão potente, por isso Bocas.

P. Qual o contexto de produção do trabalho? Explica um pouco sobre cada vídeo que compõe essa trilogia performática.

R. A trilogia começa com o vídeo “Palavra”, na hora de gravar tivemos várias ideias antes e pensamos em uma boca falar muda, sem emitir som, que não está falando exatamente o que está sendo dito, ela diz outras coisas. O vídeo consiste na minha boca pronunciando algumas palavras que vinham de rever-

berações, entre elas “meios”, “transformar”, “fim”, “tempo”, “saudade” e em off tem um texto falando sobre amor, mas um amor que se abandonou, que é um amor que sente falta, um amor que se arrepende de não ter falado. Esse texto é de amor/ressentimento/arrependimento por não ter falado, esse trabalho mexe com a minha vida pessoal, por que eu costumo não falar muito as coisas que eu sinto e me arrependo de não ter dito, palavras e frases escondidas por mim mesma e que depois me arrependo de tê-las escondido. “Amarração” é o segundo vídeo, ele fala sobre uma coisa muito forte. Na verdade, é uma trilogia que fala sobre relacionamentos, só que o segundo fala sobre um relacionamento amarrado. Nesse eu não falo nenhum texto, mas todos os meus trabalhos surgem de textos escritos anteriormente e aí eu realizo alguma coisa visual em cima daquele texto.

No texto do “Amarração”, eu fiz pensando em antigos relacionamentos meus, que foram complicados, não só amorosos. Eu tenho ainda relacionamentos difíceis, familiares, de amizade, namoro... Nesse vídeo, eu mostro sobre isso, visualmente uma boca sendo “amordaçada”, por que é uma linha muito fina, não dá para você “amordaçar” alguém com linhas finas, mas dá para você segurar aquela pessoa. Então, são linhas que me apertam, me tiram o fôlego, que me apertam e me deixam marcada de alguma forma. O terceiro é o “Da mesma carne”, o nome veio de uma parte da bíblia, não me lembro exatamente, mas que diz sobre o homem, a mulher e o casamento se tornarem a mesma carne, se tornarem a mesma pessoa. Nos três vídeos, eu estou usando um batom vermelho. No terceiro vídeo, para haver essa quebra, eu passo e retiro várias vezes esse batom, até ele borrar na minha pele. Simboliza esse apagamento que o corpo da mulher passa em vários espaços, as várias violências. Nós não sofremos apagamentos apenas em relacionamentos amorosos, mas também muito apagamento na vida profissional e acadêmica, sofremos em espaços necessários de estarmos. As vezes estar na rua é uma forma de apagamento, de não ter segurança, de precisar andar acompanhada de um homem para se sentir “segura”. Eu precisar andar com cara de brava o tempo todo, pois vem de

uma construção de precisarmos nos mostrar muito fortes e “potentes”, para evitar que as pessoas não mexam com a gente na rua. Tem uma história, aconteceu na época do carnaval, eu estava com uma saia amarela e uma menina virou para mim e disse: “nossa, como você é corajosa, saindo com essa saia chamativa, vão super olhar pra ti”, desde então eu nunca mais usei aquela saia, por não querer chamar atenção, para não se sentir olhada, invadida, tocada em vários lugares onde isso não deveria acontecer em contextos que não deveriam acontecer. O “Da mesma carne” fala sobre isso, o nome eu também escolhi por geralmente mulheres dizerem que após o casamento se sentiram apagadas, diminuídas e excluídas.

P. Como foi produzir em um contexto de pandemia, visto que os vídeos foram executados mais ou menos com um mês que havia iniciado a quarentena?

R. Para começar, é bom deixar explícito que gravamos na biblioteca comunitária Livro Livre Curió, ela já não estava em atividade, foi somente eu e Vitória, tomamos todas as precauções usando máscara e álcool em gel, mantendo a distância. Não sabíamos ao certo se a quarentena iria durar muito tempo, ainda estava no começo, mas mesmo assim estávamos bastante assustadas com tudo o que estava acontecendo por que não se tinha muita noção ainda sobre o que se tratava. Sobre o trabalho, já vinha conversando com Vitória sobre gravar, e ela disse que teria que ser somente nós duas, em um domingo que tem bem menos movimento no caminho até a biblioteca também. Na minha cabeça, tudo foi bem tranquilo, foi um momento muito potente, tanto a troca que tivemos como com a biblioteca também, visto que eles confiaram em ceder o espaço para a gente, além das câmeras, do material de apoio, se não fosse a biblioteca talvez o “Projeto Bocas” existisse, mas não com tanta qualidade e provavelmente não teria passado nesses editais por esse motivo. Gravar na pandemia foi complicado, por essa logística de não ter ninguém perto, de não poder se encostar, eu sou uma pessoa muito toque e não poder tocar o outro, isso foi estranho.

P. Sabemos que, no meio artístico, “dar uma pausa” nas suas produções, seja por questões pessoais, profissionais ou até mesmo por uma pandemia, você acaba sofrendo com esse apagamento na cena cultural da cidade, e isso é muito recorrente não só aqui em Fortaleza. Existe uma certa dificuldade em produzir artisticamente, de uma forma saudável, pela cobrança dessa presença ativa. E em um contexto de pandemia, é muito difícil manter essa presença.

R. Aqui em Fortaleza, os artistas realmente se unem, tem uma cadeia de apoio muito massa e eu não me excluo disso. E acaba havendo uma separação, cada um com seu nicho, seja por idade, experiência, local de atuação. Eu estudo no Instituto Federal do Ceará (IFCE), no curso de Teatro, e normalmente os alunos de lá não fazem trabalhos com os alunos do curso de Teatro da Universidade Federal do Ceará (UFC), são dois nichos que parecem ser muito diferentes e que não são. E se não fosse, por exemplo, o Curso Preparatório Básico em Teatro (CPBT), alguns desses alunos não teriam produzido juntos. Produzir para mim é muito complicado, por eu ser muito hiperativa com relação a trabalho e acabo me sobrecarregando. Hoje eu me sinto uma pessoa realizada artisticamente, mas eu reconheço que me sinto assim por que toda semana eu estou produzindo alguma coisa, e eu não sei se isso é por eu gostar de estar sempre produzindo, gostar desse cansaço da produção, ou se eu fui ensinada a achar que agir dessa forma produtivista é o certo. Eu não sei diferenciar, vivemos em um mundo capitalista e muitas pessoas pensam que dentro da arte conseguimos fugir disso, não é bem assim. Na arte, nós temos medo de não conseguir suprir nossas necessidades básicas, por geralmente não conseguir, por existir essa lógica de se pararmos de produzir/trabalhar iremos sumir, e se sumirmos não conseguimos renda para pagar as contas no final do mês. Não necessariamente, conseguimos essa renda com o nosso trabalho de artista, por ele muitas vezes ficar em segundo, terceiro plano, e precisarmos de um trabalho “formal” para mantermos o básico. Não por não existir quem necessite do nosso trabalho, mas por ele ser subjugado/desvalorizado. Arte custa caro, por precisar de material e por requerer tempo.

P. E sobre o retorno financeiro e os editais emergenciais?

R. Durante a pandemia, a Vitória estava sem remuneração a mãe dela estava desempregada. Na minha casa, minha mãe é costureira e ela acabou quebrando o braço em uma queda, meu pai ficou desempregado e meu contrato na empresa foi congelado. Então, a nossa renda para conseguir sobreviver com o básico se deu muito pelos editais que passamos e que ainda pretendemos passar. Muitos artistas não conseguiram receber au xílio emergencial e acabaram se usufruindo desses editais emergenciais, eu fui uma.

P. Como é ser de um dos menores bairros de Fortaleza-CE, com um dos menores IDHs da cidade e estar nesse meio? / Como chega esse reconhecimento de participar de um edital nacional? Como se dá esse retorno, tanto no meio profissional como familiar, do micro ao macro?

R. Vou começar do micro ao macro. Em questão familiar, eu tenho alguns apoios muito importantes e que acabam sendo um alicerce. É muito difícil você ser uma pessoa de um bairro pequeno, que não tem recursos suficientes. E algumas negações que recebi no meio familiar também serviram de apoio, de impulsionamento para eu continuar. Eu já recebi alguns “não”, vários “não”, até chegar na arte e fazer teatro, música, dança. Alguns sonhos meus foram por terra, depois de alguns desincentivos que recebi pela minha família, dentro de espaços, e eu sou grata até hoje por isso, por eu ser muito nova eu apenas aceitei, diminuí minha autoestima um pouco, mas continuei com a minha vida. Depois que eu percebi que não ia dar certo, de que não ia ser isso, eu fui pra Música e foi lá que eu conheci a Arte. Como eu já estava

mais madura, eu fui percebendo que, mesmo que as pessoas me dissessem “não”, que eu não ia conseguir ou que eu ia passar fome ou que ninguém ia estar me bancando para o resto da vida, esses “não” iriam me impulsionar. O dinheiro é importante, mas o sentimento que traz também. Hoje, eu posso passar o perren-gue que for, ou não, por que tem dias de luta e dias de glória, mas eu me sinto feliz com o que eu faço. É importante o espaço também, eu me sinto privilegiada de morar no Curió, por ser um espaço que abraça, que tem uma floresta a 5 minutos de casa, é perto da praia, temos uma biblioteca, é um bairro meio que autossuficiente. Não vejo necessidade de sair daqui e ir morar em um bairro em que as pessoas não se cumprimentam, que tenham uma dinâmica completamente diferente, apenas para ter status. Enquanto eu puder estar aqui e movimentar as pessoas daqui, as crianças e adolescentes do bairro, a entenderem que elas podem o que elas quiserem, a saberem que elas podem “ser alguém” estando aqui. Essas pessoas podem sonhar e conquistar aquele sonho. Sinto que estar aqui, eu, Vitória, entre outros adolescentes que estão conseguindo alçar os seus desejos, nos dá uma certa esperança. Não é porque demoramos 3h para chegar num espaço que uma galerinha chega em 5 min que vamos desistir no meio do caminho. Talvez o pneu fure, o sinal feche, tenha um engarrafamento, o ônibus atrase, mas alguma hora nós chegamos. É importante conquistar e fazer com que as pessoas saibam/aprendam a conquistar.

Quadrinho final de informações

O trabalho da Nathália pode ser conferido através de suas redes sociais, Instagram (@comfiuza), e de seu canal no Youtube (Nathália Fiuza), e no caso das vídeo performan-ces, também pelas plataformas oficiais dos editais Cultura Dendicasa e Itaú Cultural.



Juventude, Diversidade e Periferia

A União do Povo de Santa Edwiges e a Livro Livre Curió Biblioteca Comunitária realizaram, no dia 13 de Dezembro de 2019, às 14h, o Lançamento do Projeto Periferia em Pauta com o Seminário: Juventude, Diversidade e Periferia.

O projeto teve como objetivo formar um grupo de Comunicação Alternativa na comunidade do Curió, que ofereceu formações de diversas técnicas e teorias, voltado, em sua primeira etapa, para pessoas LGBTQI+ das Periferias.

Os assuntos abordados foram:

- “Do quarto de despejo a cultura pop” – em que debateram como e porque a periferia, antes exclusivamente marginalizada, agora alça espaço e compõe uma estética cada vez mais apropriada pela grande mídia, pela indústria do entretenimento e pelos grandes mercados;

- “Diversidades que se diversificam” – em que debateram sobre os conceitos de diversidade, sexual, cultural e de gênero, partido do histórico das lutas e pautas LGBTQI+, desde quando a mesma passou a se autodenominar GLS até os dias atuais.

O Seminário foi gratuito e aberto ao público, realizado pela União do Povo de Santa Edwiges e pela Livro Livre Curió, com o Apoio da Doritos® Rainbow, e contou como um dos critérios para quem desejasse participar das oficinas e das formações do projeto Periferia em Pauta.

Após o Seminário, tivemos a Reinauguração da Biblioteca LGBTQI+ Arte de Amar, que passou a se chamar de Biblioteca LGBTQI+ Professora Dra. Luma Andrade, em homenagem á Cearense Luma Andrade, primeira Travesti Doutora que também é Professora da Unilab, além de um coquetel de confraternização do Arte de Amar, coletivo LGBTQI+ da União do Povo de Santa Edwiges, com a Feira da Economia Colorida.

Durante a primeira fase do projeto, foram desenvolvidas quatro oficinas gratuitas e voltadas para o público LGBTQI+ das periferias de Fortaleza e Região Metropolitana. Nelas, os participantes tiveram contato com teorias e práticas em Fotografia, Audiovisual, Redes Sociais e Marketing Digital e Podcasts.

Na segunda fase, cinco participantes dão início aos trabalhos da agência, desenvolvendo produtos de comunicação e experimentando, na prática, as técnicas que foram conhecidas durante primeira fase do projeto. Esses membros do Periferia em Pauta começam, então, a receber uma bolsa de auxílio, proporcionada pela Doritos® Rainbow, para desenvolver um laboratório de jornalismo e publicidade.

TV ARTE DE AMAR



O Coletivo Arte de Amar nasceu a partir das atividades sociais da União do Povo de Santa Edwiges, no Bairro Curió, em Fortaleza, no ano de 1994. Desde então, a entidade se expandiu em seus projetos sociais criando mais força e visibilidade.

Atualmente, lança a TV Arte de Amar Web, cuja programação é produzida em Fortaleza, onde podemos contar com uma vasta gama de programas que buscam satisfazer o público jovem LGBTQ+.

Com foco na música, educação, na arte e no jornalismo, a TV Arte de Amar Web busca proporcionar ao jovem cultura e conhecimento de uma forma dinâmica e acessível. O projeto tem como princípio o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, a participação de grupos socialmente discriminados e a discussão das diferenças.

Fazendo sempre questão de evoluir com as novas tecnologias, hoje a TV Arte de Amar Web faz parte das redes sociais do Coletivo Arte de Amar estando também no Facebook, Instagram e Youtube.

Por ser uma TV Web, a programação pode ser visualizada a qualquer momento em qualquer lugar do mundo online, no nosso site. Buscando vencer os novos desafios que surgem, a União do Povo de Santa Edwiges e o Coletivo Arte de Amar agradecem a toda a população LGBTQ+ e a todos os seus parceiros pelo empenho em tornar esse desafio possível de ser realizado.



Programas



Divando com Claudia Ferraz

Programa de entrevistas com pessoas LGBTQ+ que discute desde questões pessoais até pautas e acontecimentos relevantes para a comunidade. Claudia Ferraz é uma mulher trans, militante, artista, empresária e apresentadora há 15 anos, sempre fazendo um trabalho em busca de melhorias de vida para a comunidade LGBTQ+.



Programa Cultura é Vida

Programa voltado para contar a vida e a obra de mestres da cultura popular, como os brincantes de reisado, pastoril, quadrilha, entre outras expressões culturais que fazem parte da história do povo brasileiro. Kathia Juliana é cantora, Mestreira do Reisado Nossa Senhora da Saúde, produtora cultural e, no tempo livre, realiza trabalhos voluntários.

Você pode assistir toda a programação da TV ARTE DE AMAR em

www.tvartedeamar.com.br



Liga de Futebol Feminino das Periferias de Fortaleza



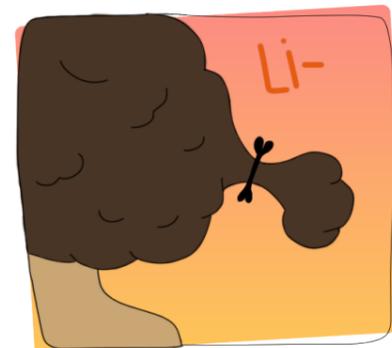
O projeto Esporte Colorido iniciou, em 2010, a luta por direitos iguais no que se refere ao esporte feminino. Após uma pesquisa entre clubes e grupos de mulheres no esporte da Bola, identifica-se a demanda reprimida de apoio ao Futebol feminino nas periferias de Fortaleza, o descaso das autoridades, a discriminação, preconceito e por que não afirmar o modo cruel do machismo?! Atualmente, tal iniciativa conta com 26 equipes cadastradas em plena atividade em nossa Copa da Visibilidade Lésbica, que envolve diretamente 320 atletas, nas modalidades de futebol de campo, futsal, Society, participando de eventos, seminários e competições.

O Eporte Colorido propõe contribuir para qualidade de vida, bem-estar e inclusão de mulheres através de práticas esportivas, proporcionando e garantindo acesso da população feminina das periferias a um momento de lazer, entretenimento, visibilidade e reflexão acerca da promoção da Saúde.



Tirinha feita por Vitória Helen (@arth3mis) e Jonata Teixeira (@chefejonata), artistas visuais da periferia de fortaleza.

Dia de rolê



@arth3mis @chefejonata

CINECLUB LGBTQ+ ARTE DE AMAR

O cineclube leva a magia do cinema à comunidade do Curió com exibição semanal e gratuita, com filmes infantis para as crianças da comunidade e uma seção especial por mês voltado para o público lgbtq+, no auditório da União do Povo de Santa Edwiges.

A exibição tem como objetivo proporcionar discussões nas várias esferas da sociedade, com o interesse de disseminar a informação e sensibilização pelos temas do cotidiano a partir do cinema. Trata-se de criar um espaço para um diálogo sem fronteiras, de forma a quebrar os preconceitos.

Já o cine para as crianças na praça conta com exibição de filmes infantis além de distribuição de lanche para as crianças carentes da comunidade que, muitas vezes, não têm o que comer. O cineclube é coordenado por Gaby Sosa e Ana Beatriz e acontece toda sexta-feira, na praça 11 de Novembro no Curió.

Pra os interessados, mais informações são encontradas nas redes sociais do cineclube.

Facebook: Cineclublgbtq+arte de amar
Instagram: Cineclubartedeamar

Gerando Redes



oportunidade e informação, eram exploradas na noite, ajudamos a profissionalizar e lançar no mercado cultural nomes como Mulheres de Preto e DJ Duda. Lançamos o projeto Diversidade Negra – Gerando redes, o projeto tem como objetivo dar mais visibilidade para os cantores e grupos negros da comunidade, tendo oportunidade de se apresentarem e ainda receberem por isso. O projeto teve início em dezembro e terá duração de seis meses e será realizado junto com a feira cultural do curió.

A união do povo de Santa Edwiges, nos seus 30 anos de ação na periferia de Fortaleza, soma em sua história um largo escopo de lutas e militância. Dentro delas, por pedido da sociedade civil, no ano de 2004, mobilizamos e construímos o coletivo Arte de Amar, de pessoas LGBTQI+ negras das periferias de Fortaleza.

Durantes esses anos, entendendo algumas dinâmicas, pudemos ajudar em alguns processos, como na profissionalização das artistas negras que se aproximavam do nosso coletivo e que, muitas vezes, por falta de

Para quem tiver interesse e quiser comparecer, as datas são divulgadas nas redes sociais da União do Povo de Santa Edwiges. Facebook:

Grupo Cultural LGBTQ+ ARTE DE AMAR
Instagram: projetoartedeamar

Rua George Sosa, 97 – Curió / Messejana – Fortaleza - CE



Um percurso que atravessamos

O projeto Periferia em Pauta foi se formando a partir de uma necessidade de formar comunicadoras e comunicadores LGBTQI+ dentro de uma quebrada de Fortaleza. Isso porque, como instituição, com trabalho focado na diversidade periférica, a União do Povo de Santa Edwiges e o projeto Arte de Amar sempre tiveram grande dificuldade de emplacar pautas na mídia tradicional por causa do racismo estrutural e da LGBTfobia.

Desde o lançamento, que mobilizou a sociedade civil e o poder público em um seminário potente, nosso trajeto foi marcado por trocas de saberes e solidariedade. Troca de saberes que perpassou por conhecimentos técnicos em fotografia, filmagem, marketing digital, podcast, redação jornalística, conhecimentos sociológicos e filosóficos sobre racismo, diversidade, juventude, comunicação. Solidariedade porque fomos surpreendidos, no meio de um trajeto, por uma pandemia e fizemos as únicas coisas que era possíveis de serem feitas neste momento: ajudar as pessoas que estiverem conosco nesse projeto.

Desafiadoramente, concluir o projeto Periferia em pauta, dentro do contexto em que vivemos, foi uma ação sobre-humana. Nossas bolsistas, todas elas e eles, jovens das perifas, assim como nossos profissionais, também sua maioria das quebradas de Fortaleza, foi extremamente afetados pelos efeitos da pandemia do Coronavírus.

Perdemos muitos parentes e amigos, entramos em uma situação de mais precariedade, mesmo assim, o que fizemos foi abrir as portas da nossa instituição para solidariedade. Nossas atividades foram

totalmente interrompidas para ajudar o público da comunidade a conseguir garantir seus direitos, como o cadastro no auxílio emergencial e com a captação e a distribuição de cestas básica de alimentos, produtos de higiene e limpeza, e máscaras para proteção individual.

Depois de quase seis meses, quando a poeira baixou um pouco, tentamos concluir nosso projeto. Dentro da nossa realidade e por todos os danos que sofremos, conseguir fazer isso e ainda gerar um novo produto, a TV Arte de Amar, foi realmente fazer o impossível. O impossível que nós, povo da periferia, é imposto a fazer sempre.

Concluimos e agradecemos imensamente a Doritos® Rainbow por toda paciência e companheirismo nesse processo, agradecemos todos os profissionais dessa imensa empresa que decidiu fazer o que pouca gente faz, olha para a diversidade periférica brasileira, somos todo gratidão por isso. Precisamos também agradecer todas e todos amigos e colaboradores da União do Povo de Santa Edwiges, por todo empenho empregado e por não ter abandonado nossa comunidade no momento em que ela mais precisava, mesmo correndo o risco de ser questionada, diligenciada, a instituição teve coragem de enfrentar o problema maior e priorizar o que há de mais importante, as pessoas.

Atravessamos e estamos preparadas e preparados para tudo mais que vier.

Por Talles Azigon

P

Ficha Técnica

Coordenadores:

Talles Azigon
Daniel Firmino
Iury Figueredo

Supervisão:

Nilza Farias
George Sosa

Correção:

Lizi Menezes

Equipe Periferia em Pauta:

Jonata Teixeira
Beatriz Lemos
Gaby Sosa
Ayla Nobre
Ruan Alves
Marcelo Sousa
Vitória Helen

Realização:



UNIÃO DO POVO
DE SANTA EDWIGES

Apoio:

